

# ÀS TRABALHADORAS: UM ESTUDO DA VILA OPERÁRIA RHEINGANTZ (1950-1064)

A LAS TRABAJADORAS: UN ESTUDIO DE LA VILA OPERARIA RHEINGANTZ  
(1950-1064)

Caroline Duarte Matoso  
Mestranda/Universidade Federal de Pelotas  
[historiamatoso@gmail.com](mailto:historiamatoso@gmail.com)

## RESUMO

A fábrica estudada foi fundada na cidade de Rio Grande (RS) em 1873, sob o nome de Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater. Pioneira na industrialização têxtil do município, a fábrica Rheingantz foi por muito tempo base da economia da cidade de Rio Grande, se destacando por seu tamanho e capital de investimento. Acompanhando a composição de mão de obra dos setores têxteis, há a estimativa de 80% de sua força de trabalho ser feminina (HORNES, 2013). A história da vila operária Rheingantz expressa a história de milhares de trabalhadoras e trabalhadores que ali venderam sua força de trabalho e ou residiram. Mas será que as experiências no mundo do trabalho são vivenciadas de mesma forma? Pesquisadoras feministas veem apontando para o lugar de subalternidade da mulher no mundo do trabalho, ocupando cargos e salários inferiores aos masculinos, sofrendo com a rotatividade de trabalho e violência moral (SAFFIOTI, 2013; CISNE, 2013; DAVIS, 2016). Dentro dessa perspectiva, aquelas (es) que vivem do trabalho sofrem uma exploração universal: a de classe; Porém há uma intensificação desta exploração a partir de suas particularidades: gênero, sexualidade, raça (ARRUZA, 2015; SILVA, 2011). Como fruto do trabalho de uma historiadora, a resposta para a indagação levantada, está sendo analisada a partir de entrevistas orais e pesquisa no acervo documental da fábrica Rheingantz, disponíveis no Centro de Documentação Histórica da FURG.

**Palavras-chave:** Trabalhadoras, Rheingantz, gênero.

## RESUMEN

La fábrica estudiada fue fundada en la ciudad de Rio Grande (RS) en 1873, con el nombre de Fábrica Nacional de Tejidos y Paños de Rheingantz & Vater. Pionera en la industrialización textil del municipio, la fábrica Rheingantz fue por mucho tiempo base de la economía de la ciudad de Rio Grande, destacándose por su tamaño y capital de inversión. Acompañando la composición de mano de obra de los sectores textiles, hay la estimación del 80% de su fuerza de trabajo para ser femenina (HORNES, 2013). La historia de la villa obrera Rheingantz expresa la historia de miles de trabajadoras y trabajadores que allí vendieron su fuerza de trabajo y o residían. Pero, ¿es que las experiencias en el mundo del trabajo son vivenciadas de la misma manera? Investigadoras feministas ven señalando el lugar de subalternidad de la mujer en el mundo del trabajo, ocupando cargos y salarios inferiores a los masculinos, sufriendo con la rotatividad de trabajo y violencia moral (SAFFIOTI, 2013; CISNE, 2013; DAVIS, 2016). En esta perspectiva, aquellas que viven del trabajo pasan por una explotación universal: la de la clase; Además, hay una intensificación de esta exploración en base a sus particularidades: género, sexualidad, raza (ARRUZA, 2011; SILVA, 2011). Como fruto del trabajo de una historiadora, la respuesta a la indagación planteada, está siendo analizada a partir de entrevistas orales e investigación en el acervo documental de la fábrica Rheingantz, disponibles en el Centro de Documentación Histórica de la FURG.

**Palabras-llave:** Trabajadoras, Rheingantz, género.

## INTRODUZINDO O DEBATE

Em 1918, Alexandra Kollontai, em seu discurso às trabalhadoras<sup>1</sup> ressaltava: “Os operários devem entender que a mulher é tão integrada à família do proletariado quanto eles próprios. [...] Um terço de todas as riquezas da terra surge das mãos das mulheres; a Europa e a América contam 70 milhões de operárias”, O discurso era um alerta sobre a importância da visibilidade da mulher na composição da classe trabalhadora.

O objeto de pesquisa deste trabalho é uma fábrica instalada na cidade de Rio Grande (RS) em 1873, sendo a primeira empresa têxtil do município. Acompanhando a composição da classe trabalhadora dos setores têxteis, a fábrica Rheingantz expressava um número significativo da mão de obra feminina. Segundo HORNES (2013), 80% das trabalhadoras eram mulheres.

Através de metodologia de história oral analisei como as desigualdades de gênero no mundo trabalho foram percebidas e preservada nas memórias das/os trabalhadoras/es da vila operária Rheingantz. Como aponta PORTELLI: “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa sobre o que fez (1997, p31)”. Sendo assim, pude aprofundar-me nas diferentes experiências e significados do mundo do trabalho para mulheres e homens.

As relações de poder desiguais entre homens e mulheres intituladas pelas teóricas feministas enquanto relações patriarcais (SAFFIOTI, 2015), estão expressas em dimensões objetivas e subjetivas da/os trabalhadoras/es. Na dimensão objetiva, as desigualdades de gênero se configuram nos cargos ocupacionais, rotatividade de emprego, salarial e na política de “assistência” ao operariado. Enquanto a dimensão subjetiva está presente no próprio processo de consciência de classe, visto que as desigualdades de gênero podem servir enquanto aliadas da classe dominante gerando obstáculos para a inserção da mulher no movimento operário e na fragmentação da classe. Porém, visto que há muito que explorar sobre a relação do gênero na composição da classe trabalhadora, focarei neste trabalho nas dimensões objetivas das hierarquias de gênero no mundo do trabalho: as políticas de benefícios sociais oferecidos pela empresa às/aos trabalhadoras/es.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

A partir da década de 1990, as pesquisas históricas que utilizam história oral como método de pesquisa cresceram (AMADO e FERREIRA, 1998), acompanhado por um aumento de discussões teóricas-metodológicas que a envolvem. Sendo uma metodologia de produção de fontes orais com indivíduos que participaram de um dado período histórico, a história oral está estreitamente ligada à memória e à identidade. Para produzir/analisar uma entrevista oral se faz necessário estudar diversos fenômenos que constituem a memória.

THOMPSON (1992) irá discutir a influência do presente na memória da/o entrevistada/o, onde o presente vivido irá interferir nas recordações do passado. Os próprios elementos que o depoente recorda passam por uma filtragem em sua memória onde o presente

é um fator determinante. A partir dos engajamentos e aspirações do presente, o narrador irá fazer suas escolhas memoriais (CANDAUI, 2011).

No período que as entrevistas foram realizadas, a fábrica Rheingantz havia passado por uma série de crises financeiras que levou à mudança de proprietários em 1970, se intitulando então Companhia Inca Têxtil. Pelo presente ser de incertezas, a recordação que as/os narradoras que fazem do passado é de saudosismo. Interpretação essa também feita por FERREIRA nas entrevistas que ela realizou durante os anos de 1997/1998, após o fechamento definitivo da fábrica:

As primeiras reflexões emitidas pelos ex-trabalhadores entrevistados, fossem aqueles pertencentes ao grupo que ainda frequentava a fábrica ou aqueles que não mais mantinham contato com ela, circunscreviam-se em pares de oposição entre passado e presente, nos quais o passado expressava qualidades e valores que no presente eram negados (2013, p. 77).

Primeiramente optei por escolher entrevistas feitas com trabalhadoras, porém mesmo a fábrica sendo composta por 80% de mulheres, a maior parte das entrevistas salvaguardadas no CDH – FURG - foram realizadas com trabalhadores, sendo apenas 2 entrevistas com narradoras mulheres. Isto não se configurou como um problema para dar seguimento a pesquisa, visto a importância de explorar entrevistas com mulheres e homens para entender como estes retratam os conflitos de gênero na vila operária Rheingantz.

As entrevistadas são: Sueli Botelho e Margarita Reis Rocha, as duas tecelãs da fábrica Rheingantz. E os entrevistados: Dario Camposilvan, Alípio Magalhães e Hilson Magalhães de Souza que exerciam as funções de contra-mestres e guarda da portaria; respectivamente.

A entrevista com Sueli Botelho foi realizada em 1981, 4 anos após ela pedir demissão da fábrica, que já estava sobre comando da Companhia Inca Têxtil, para trabalhar na FURG (profissão não mencionada na entrevista). Sueli ingressou na fábrica Rheingantz aos 14 anos de idade, em 1947.

A entrevista com Margarita Reis Rocha foi realizada em 1987. Ela começou a trabalhar na fábrica Rheingantz aos 9 anos de idade, em 1922, logo após o falecimento de seu pai. Margarita permaneceu na fábrica 40 anos de sua vida. Trabalhando no setor da tapeçaria, Margarita narra a assistência social oferecida aos trabalhadoras/es e suas experiências no setor da tapeçaria, que serão analisadas posteriormente.

O entrevistado Dario Camposilvan nasceu na Itália e veio ao Brasil trabalhar na fábrica Rheingantz, logo após a Segunda Guerra Mundial, por conta da crise econômica que se agravava na Europa pós-guerra. Dario tinha experiência de trabalho nos setores têxteis e família

residente na cidade de Rio Grande, e ingressou na fábrica Rheingantz aos 23 anos de idade como contra-mestre.

O entrevistado Alípio Magalhães, natural da cidade de Rio Grande, começou a trabalhar na fábrica aos 45 anos como chefe de revisório, seção que revisava as peças feitas pelas tecelãs. Essa entrevista é focada na estrutura da fábrica Rheingantz e na assistência ao operariado.

E, por fim, Hilson Magalhães de Souza, que foi tecelão por 20 anos e guarda da portaria por 14 anos, começou a trabalhar na fábrica Rheingantz aos 21 anos de idade, em 1953. O foco das perguntas nessa entrevista foi os dados históricos da fábrica e as mudanças estruturais e de gestão que a empresa passou durante os períodos em que a fábrica permaneceu funcionando.

As 5 entrevistas discorrem sobre as relações de gênero dentro da vila operária Rheingantz, ressaltando os cargos ocupacionais e o número superior de mulheres dentro da fábrica, o que veio ao encontro a pesquisa que eu almeja realizar. E ao analisá-las pude acessar a subjetividade destes trabalhadoras/es, ao ler o que significava para elas/es as desigualdades de gênero e classe no mundo do trabalho.

### **Tecendo o gênero nas políticas de benefícios sociais**

O trabalho nas fábricas e a concentração de mão de obra tornavam latentes as distinções sociais entre a classe trabalhadora e a elite local (BABOTILHO e FERREIRA, 2012, p. 1010), formando um local propenso para a organização política dos operários contra a exploração do trabalho. Assim como SCHMIDT comenta acerca da importância do movimento operário de Rio Grande no estado:

Rio Grande destacou-se também como um dos principais núcleos do movimento operário do estado, cujas manifestações fizeram-se sentir desde as últimas décadas do século passado: jornais, associações, greves, meetings, comemorações do 1º de maio, entre outras atividades, despontaram na cidade ao longo da I República (1999, p. 150).

Porém como a historiografia acerca do mundo do trabalho e as entrevistas analisadas nos apontam, a política de assistência social ao operariado serviu para “amenizar” os antagonismos de classe, criando um discurso hegemônico no qual o crescimento da fábrica era também o crescimento pessoal das/os trabalhadoras/es. Assim como FONTES (1996) comenta, um projeto do período industrialização do Brasil: “capitalismo progressista e humano”.

A vila operária Rheingantz oferecia uma série de “benefícios” sociais as/os trabalhadoras/es entre os quais faziam parte: acesso a moradia, auxílio viuvez, auxílio casamento (para a compra do enxoval), auxílio médico, auxílio farmacêutico, restaurantes,

clube social, creche e escolas para as/os filhas/os das/os empregadas/os. Assim como o contramestre Alípio Magalhães comenta:

Em 1931 daquela data em diante é que começaram a aparecer as leis sociais. Apareceu a lei de férias, não é...? Que as leis sociais praticamente apareceram em 1935 pra cá. Daí então é que começou a se estabelecer. Mas muito antes disso, na fundação aliás, já tem até publicações na cidade que eu não as tenho que em mãos... que...dizem... dizem que a fábrica já tinha um fundo de auxílio mutuo.. E tinha a Sociedade de Mutualidade dos empregados da Cia. União Fabril. Quer dizer que deste a sua fundação, aliás já se tinha a assistência social (1888, p.2).

As entrevistas exploradas ao carregarem uma narrativa que exalta o período em que a fábrica esteve sob direção da família Rheingantz, apresenta enquanto argumento para a sustentação desta memória os benefícios sociais cedidos pela empresa aos trabalhadores. Percebe-se que há na memória dos trabalhadores a legitimação de um discurso utilizado pelas fábricas que formaram vilas operárias para controlar as dissonâncias entre capital e trabalho.

Assim, as lembranças do passado vivido na fábrica Rheingantz são recordações de um discurso coletivo criado com uma finalidade objetiva: apaziguar as relações sociais dissonantes no mundo do trabalho, e que ainda está cristalizado na memória destas/es trabalhadoras. E nos moradores da cidade de Rio Grande que ao passarem pelas ruínas tombadas<sup>4</sup> da vila operária Rheingantz evocam as histórias que ouviram sobre a primeira fábrica têxtil a se instalar na cidade, sendo assim “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2009, p. 30).

Alípio Magalhães retrata a influência da história da vila operária Rheingantz na construção da memória dos moradores do município de Rio Grande: “O que a Rheingantz representou para a cidade de Rio Grande pode ser dito por todos, pelas forças vivas da cidade, que acompanharam seu crescimento e sua derrotada em 1968. Agora em relação a mim é só uma mensagem: gratidão” (1888, p. 8), evocando que há uma construção coletiva acerca do passado da fábrica.

Essa memória coletiva torna corpo em “referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (HALBWACHS, 2009, p. 29). O presente para Alípio é o da já conquista por lei de direitos trabalhistas, ou como o próprio o denomina “leis sociais”, e que para ele os direitos trabalhistas já estavam assegurados na fábrica Rheingantz através dos benefícios sociais antes da criação da CLT<sup>5</sup>: “a assistência social aquela que emana da CLT. E... a assistência social que se tem em todas as indústrias, em todos os ramos de atividades que além das férias, dá o fundo de garantia, a creche”. (MAGALHÃES, 1988, p. 8).

Ao explorar as narrativas de mulheres e homens, percebe-se que há uma diferença de visão acerca dos benefícios sociais cedidos as/os trabalhadoras/es baseado no gênero da/o entrevistada/o. As narrativas de Sueli Botelho e Margarita de Souza Soares demonstram que havia uma distinção no fornecimento destes benefícios a partir de uma distinção de gênero. Sueli, de forma mais contestatória, informa que as trabalhadoras não tinham acesso à moradia na vila operária, enquanto os homens, sim. Margarita relata que nunca teve a “sorte” de poder morar na fábrica Rheingantz, mesmo trabalhando na fábrica desde os seus 9 anos de idade.

O fornecimento de moradia para as trabalhadoras não foi encontrado nas leituras bibliográficas que realizei acerca da fábrica, porém a operária Sueli Botelho, em suas memórias do tempo em que trabalhou na empresa, contesta não ter conseguido alugar uma casa na vila operária, mesmo após ter solicitado diversas vezes. Como ela comenta: “Pra mulher não. [...] Não só pra Homens [...] No tempo dos Rheingantz, é. Não dava pra mulher, só pra homens. Pra chefe de família, não é? A única mulher que tinha era a Marina, uma que era caixa geral” (BOTELHO, 1981, p. 32).

A partir da narrativa da Sueli Botelho percebemos que ela relaciona as desigualdades expressas na política de assistência social ao operariado à sua condição de gênero. Mesmo que não possamos afirmar que as trabalhadoras não podiam residir na vila operária Rheingantz, pela própria peculiaridade de quem trabalha com história oral possui de não acessar “fatos” (se é que alguma fonte histórica possui essa habilidade), mas sim de nos dar acesso a memória das/os entrevistados na exploração dos signos dos mesmos sobre o passado, trata-se de um aspecto do relato digno de nota. É muito significativo que nas lembranças de Sueli Botelho ela não tenha conseguido residir nas casas durante o período “Rheingantz” pelo fato de ser mulher e não um “chefe de família”. Já Margarita, de uma forma menos explícita comenta que seu pedido para residir na vila também foi negado: “[...] Não, não eram escolhidos, dependia da sorte [...] é tinha um número... nunca tive sorte [...] as casas eram deles, eles é que davam, eles cobravam... [1987, p.5]”.

Sueli ainda relata que apenas conseguiu alugar a desejada moradia quando a fábrica reabriu em 1970 com os novos donos da família Lórea: “Em setenta. Foi na... na... na direção do Paulo Lausso [...] Ah pedi pra ele. Aliás eu já estava cansada de pedir pra todo mundo, não é. E quando eu nem esperava mais. Inclusive eu já estava atacada, já tinha brigado com todo mundo” (BOTELHO, 1981, p.32). Enquanto Alípio Magalhães, Dario Camposilvan e Hilso Magalhães ressaltam a política de assistência social ao operariado, Sueli Botelho e Margarita de Souza Soares, seja de forma explícita como Sueli ou implícita como Margarita, denunciam as desigualdades de gênero referente à distribuição das casas.

Dario Camposilvan, diferentemente das entrevistadas, discorre que começou a morar na vila operária em 1956, logo após ter mudado o turno do trabalho. Sem precisar solicitar diversas vezes como Sueli Botelho e Margarita Souza Soares, Dario conseguiu alugar a casa sem maiores problemas:

Eu fui convidado pra trabalhar na turma da noite, que na época tinha muito serviço [...] e aí eu fui convidado para assumir a responsabilidade da turma da noite. Aí eu disse que não podia assumir, porque onde eu morava tinha muito barulho e não podia dormir de dia. O gerente no mesmo... no mesmo dia, na mesma hora me deu uma chave da casa, no subúrbio, perto do campo São Paulo lá, onde que não faz... não tinha movimento, pouco movimento naquela época. E foi quando que me deram a casa em 1956. Fazem 26 anos que eu moro lá. (CAMPOSILVAN, 1981, p. 20).

Para FONTES (1996) que estudou a fábrica Nitro Química da cidade de Campinas (SP) e a política de distribuição de casas em sua vila operária, apenas os trabalhadores com cargos mais elevados irão receber o acesso a moradia. O autor discorre que a vila operária Nitro Química foi pensada de uma forma estratégica para fazer com que os trabalhadores criassem uma dependência com a fábrica, assim fazendo com que estes permanecessem nela. E como há uma rotatividade maior nos cargos menos qualificados, não haveria necessidade de criar essa dependência. “O acesso a moradia era franqueado a pessoas com funções estratégicas na produção como chefias, mestres, vigias, encarregados e operários qualificados (FONTES, 1996, p. 82)”.

Se relacionarmos os levantamentos de FONTES (1996) e as entrevistas analisadas aqui, podemos entender que os relatos de Sueli Botelho e Margarita de Souza Soares sobre a não distribuição de residências na vila operária Rheingantz para as mulheres, pode estar ligada ao fato das trabalhadoras mulheres ocuparem os cargos menos qualificados dentro da fábrica, como discutimos no capítulo anterior. Visto isso, não haveria necessidade de distribuir casas para as trabalhadoras que ocupam os cargos mais baixos e que possuem uma rotatividade maior no trabalho.

As primeiras moradias foram instaladas em conjunto com a fundação da fábrica em 1873. E, a partir de 1950 surgiu o segundo conjunto habitacional: vila São Pedro. A arquitetura e distribuição espacial das casas na vila operária Rheingantz demonstram a hierarquia entre os empregados e chefe/funcionário. Como FERREIRA (2013) discorre: “é possível, através da disposição dos imóveis, traçar um mapa social desse universo” (2013, p. 79).

Em frente ao prédio fabril localizava-se o edifício da Sociedade de Mutualidade; a creche para as/os filhos de operárias/os. Ao lado, havia o Grupo Escolar Comendador Rheingantz, escola que possuía até o 4º do Ensino Fundamental. Por conseguinte, a casa dos mestres, construída a partir do padrão arquitetônico germânico e, ao lado oposto, encontra-se a

casa dos chefes, pertencentes à família Rheingantz, único imóvel que possuía garagem para carros. A parte ao lado da casa da família Rehingantz era destinada aos contra-mestres e, por fim, havia um corredor de casas cedidas aos operários de pequena família ou solteiros (FERREIRA, 2013, p. 80/81).

O oferecimento de creches e escolas para as/os filhas/os das/os trabalhadoras/es é narrado pela Margarita Soares de Souza como uma política social com facilidade no acesso: “a gente levava as crianças com menos de 5 anos. A minha filha saiu com 13. Depois ela foi pra escola, com 6 anos. E ia de manhã pra escola e de tarde pra creche; eu tinha que trabalhar e ela ficava com as irmãs.” (SOARES, 1987, p.6)

Visto que as mulheres exercem dupla ou tripla jornada de trabalho, sendo a elas destinadas historicamente o trabalho reprodutivo (afazeres da casa e cuidados dos filhos) e trabalho produtivo, a criação de creches e escolas em uma fábrica em que a classe trabalhadora é composta pela maioria de mulheres é uma política social que reflete a organização social da sociedade. Para Margarita, poder colocar sua filha no turno da manhã na escola e a tarde na creche, possibilitou que o tempo destinado ao trabalho reprodutivo pudesse ser revertido em trabalho produtivo. E, para os proprietários Rheingantz, uma possibilidade maior de explorar o trabalho produtivo das trabalhadoras.

A escola era oferecida não apenas para as/os filhas/os de empregadas/os, mas também para a própria mão de obra infantil da fábrica Rheingantz. Sueli Botelho, ao relatar suas experiências na fábrica Rheingantz, comenta que no turno inverso ao qual ela trabalhava, frequentava o Grupo Escolar Comendador Rheingantz, local onde aprendeu a ler e escrever. Sendo essa uma política social pensada para a exploração do trabalho produtivo das trabalhadoras ou não, o Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi importante para a formação escolar das crianças que trabalharam na fábrica Rheingantz e local onde estes se alfabetizaram.

Margarita Soares de Souza e Sueli Botelho também comentam acerca do auxílio médico e farmacêutico oferecidos pela empresa. Margarita discorre: “Quando 38 a gente adoecia tinha a farmácia ali do lado, não é? A gente ia lá. Tinha ou doutores... tinha os remédios... Tudo o que a gente fazia descontava no final do mês (1987, p 4). A operária ainda narra que dentre os serviços médicos havia uma parteira que cuidava do parto e pós parto das trabalhadoras: “ela dava, ela dava, ela fazia remédio, dava... ela cuidava da pessoa, não é. [...] Ela e a enfermeira nossa, a Palmira... (SOUZA, 1987, p.4).

Os relatos acerca da assistência médica são acompanhados de narrativas que envolvem acidentes de trabalhos. Sueli fala da insalubridade do trabalho na seção da tapeçaria: “Ah serviço muito puxado. Quer dizer que os martelos são todos de ferro, os teares são abertos a

mão. Fecha o tear e abre o tear a mão, bate tapete com martelo de ferro, passa a lançadeira a mão... E o salário eles pagavam e pagam um salário mínimo (BOTELHO, 1981, p.3).

Sobre acidentes de trabalho, Margarita responde: “Acontecia sim, pouco cuidado tinham [...] Tinha hospital e tinha toda assistência médica por conta deles. Era muito boa a fábrica (pausa), agora não é mais Rheingantz, não é” (SOUZA, 1987, p. 4). Ao mesmo tempo em que Margarita de Souza Soares relata o pouco “cuidado” que a fábrica tinha com as/os trabalhadores/as, ao ser perguntado se haveria assistência médica em casos de acidentes no trabalho, ela comenta que sim e que a fábrica era muito boa, demonstrando as contradições do discurso do “capitalismo progressista e humanizado”.

A partir das narrativas destas trabalhadoras, percebe-se que as expressões de hierarquia no interior da classe trabalhadora estão em constante relação com a organização social da sociedade. A multiplicidade de hierarquias existentes na sociedade (gênero, raça e sexo) é apropriada pelo capital na sua dinâmica de produção e reprodução de desigualdades associadas ao processo de acumulação de capital (CISNE, 2013). A construção social existente na sociedade e que tinha mais intensidade na época em que Sueli trabalhou na fábrica Rheingantz (visto que as relações sociais estão em constante transformação) de que o homem é o provedor da família, o chefe, está presente em sua memória em relação às desigualdades de gênero no mundo do trabalho.

### **Considerações finais**

Assim, entendemos que a classe trabalhadora se subdivide não apenas em hierarquias ocupacionais (que sofre influência direta do gênero e raça), na sua participação do processo produtivo, mas também está expressa na subjetividade em que categorizamos os grupos sociais que a compõem e que influenciará as experiências destas/es trabalhadoras/es. Segundo DURIGUETTO e MONTAÑO (2010, p.92), “os indivíduos deixam de ser meras personificações de categorias sociais e econômicas, são aqui indivíduos e grupos concretos” (apud CISNE, 2013, p. 42). Indo ao encontro do levantado por THOMPSON em que a classe “é um fenômeno histórico. [...] algo que de fato acontece nas relações humanas. Mais do que isso, a noção de classe contém a noção de relação histórica [...] essa relação vem sempre corporificada em pessoas reais e num contexto concreto” (1963, p. 9).

As experiências na vila operária Rheingantz ocorreram de diferentes maneiras a partir da multiplicidade de sujeitos inseridos nela. Assim gênero e classe formam um nó que só pode ser desvendado a partir da análise das especificidades do sujeito que compõe a totalidade: a classe trabalhadora (SAFFIOTI;2015 CISNE;2013).

## Fontes primárias

Acervo de História Oral (Centro de documentação histórica – FURG) – Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

## Referências

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Outubro Revista**. Nº23, p. 38-58, 2015.

CANDAU, JÖEL. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CISNE, Mirla. **Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Serviço Social)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FERREIRA, M. L. M. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. Tese (Doutorado em História)– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. FGV Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Os fios da memória: a Fábrica Rheingantz, entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, nº39, p. 69-98, jan./jun. 2013.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Trabalhadores da Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORNES, Luciana Gerundo. Rheingantz: no passado símbolo de progresso, hoje esquecimento: um projeto pautado na educação histórica. **Revista Latino Americana de História**. Vol. 2, nº. 6 –Agosto de 2013 – Edição Especial.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, v. 14, p. 25-39, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCHMIDT, Benito Bisso. A Diretora dos Espíritos da Classe: a “Sociedade União Operária” de Rio Grande (1893-1911). **Cadernos do AEL**, Campinas: Unicamp, v. 6, n.10/11, 1999. pp.149-168.

SILVA, Marlise Vinagre. Diversidade humana, relações sociais de gênero e luta de classes: emancipação para além da cultura. **Em Pauta**, v. 9, n. 28, p. 51-63, Dez. 2011.

THOMPSON, Edward Palmer; EICHEMBERG, Rosaura. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.